

GT52: Memória e reconstrução de mundos: práticas etnográficas frente às situações limite

Felipe Magaldi, Carolina Castellitti

Desde a obra de autores como Michael Pollak, a relação entre as situações limite e as dinâmicas da memória, do esquecimento e do silêncio se tornou incontornável. Atualmente, as ciências sociais e a filosofia têm conferido crescente atenção às rupturas do cotidiano por meio de diversas nomenclaturas conceituais - eventos críticos, crises, catástrofes, traumas, desastres patrimoniais e ambientais - em que a memória aparece frequentemente ao lado das demandas por verdade, justiça e/ou reparação histórica. O colonialismo, o autoritarismo, as ditaduras militares, a violência de Estado e o neoliberalismo surgem frequentemente como cenários privilegiados dessas reflexões. Na presente conjuntura sanitária, a pandemia de covid-19 é narrada como um "trauma coletivo" que deixará um legado marcante para a humanidade, de sofrimento, luto, mas também de luta - duas dimensões inseparáveis. A partir de situações etnográficas diversas, este GT propõe um diálogo sobre as modalidades de construção de memória frente a trajetórias e mundos estilhaçados pela violência e pela exploração e precarização capitalistas. Trata-se aqui de compreender como se dá a redefinição das identidades sociais quando a ordem naturalizada do mundo habitual é quebrada - e a quebra incorporada no ordinário. Como matéria prima dessa reflexão, pode-se elencar distintas modalidades de enunciação dos acontecimentos, envolvendo testemunhos orais ou escritos, imagens, objetos, inscrições corporais e expressões artísticas.

De lama, vida e fragmentos: compondo o Museu Virtual Mariana Território Atingido

Autoria:

O rompimento da barragem de Fundão (Samarco/Vale e BHP Billiton) colocou as comunidades rurais de Mariana em evidência, as quais passaram a ocupar um lugar na mídia, academia e sociedade de forma mais ampla justamente pela sua devastação. Durante os últimos cinco anos, a Assessoria Técnica Independente (Cáritas Regional Minas Gerais) desenvolveu, em diálogo com os atingidos e atingidas do município, metodologias em diversas linguagens com o objetivo de levantar da forma mais completa as perdas e danos que essas famílias vivenciam. As informações primárias produzidas, portanto, estão inscritas em pesquisa prática cujo propósito central foi o registro detalhado para fins de instrumental ao pleito indenizatório e de restituição do direito à moradia adequada. Há que se considerar que esses sujeitos foram profundamente atravessados pelo desastre-crime de grandes proporções, o que torna os relatos, desenhos e percepções rememorados a partir desse evento crítico. O museu virtual recria os territórios atingidos no município de Mariana, representando plantios, criações, moradias, caminhos e referências comunitárias georreferenciadas. É na sobreposição dessas informações com imagens, textos, vídeos e outras poéticas elaborados e produzidos a partir do experienciado cotidianamente junto aos sujeitos centrais de nossa atuação que compusemos este site. Assim, a plataforma integra prática de pesquisa, fundamental para um contorno sistemático dos dados, e ação política, necessária para dar espaço de voz e escuta das narrativas subalternas. Os dados aportam a devastação produzida pela mineração no território e denunciam o descaso com as comunidades que ainda anseiam pela reparação integral e lutas por justiça. Contudo, representá-las nesse território virtual não é repetir as violências impostas a essas pessoas, mas fazer perdurar os modos de fazer, as práticas, as celebrações e as memórias dos atingidos e atingidas sem, contudo, determiná-las pelo desastre-crime. Impedidos de viver nas comunidades de origem, essas famílias insistem em defender a posse da terra, expressando sempre o pertencimento ao local e a não disposição em deixá-lo para ocupações alheias à sua vontade. Como forma de disponibilizar essas informações e constituir um instrumental para as

disputas de narrativas, o Museu Virtual Mariana Território Atingido elabora os sentidos de comunidade, tecendo os fragmentos obtidos a partir do esforço em escutar o indizível e registrar todo o irrestituível.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

